

RESENHA:

VIEIRA, Renata de Almeida. *A produção social do preconceito: subsídios para a formação de professores*. Maringá: EDUEM, 2012.

Por uma visão social e concreta acerca do preconceito nosso de cada dia

RAFAEL EGÍDIO LEAL SILVA*



O tema do preconceito é, sem dúvida, um dos mais relevantes e contundentes de nossos tempos. Minimizar os efeitos do preconceito, seja na subjetividade, quanto nas relações objetivas já é uma forma de discriminação, uma vez que uma das mais eficientes armas pelas quais a humanidade realiza a discriminação de si mesma é justamente pelo silêncio do outro ou, ainda, pela ridicularização da condição do sujeito a ser discriminado. O sofrimento do outro é, portanto diminuído, assim como este outro, por sua condição de cor, sexo, sexualidade deve ser diminuído. Por outro lado, os efeitos do preconceito devem ser maximizados? Ou melhor, o preconceito deve ser visto como a ação de um certo “homem branco ocidental” que domina impiedosamente a todos que não se encaixam nesta condição? O problema do preconceito deve ser resolvido através de abstrações, ou de um entendimento concreto?

Tais questões podem ser debatidas e refletidas através da leitura da obra resenhada: **A produção social do preconceito: subsídios para a formação de professores**, de Renata Almeida Vieira. A obra tem o mérito de buscar o entendimento a partir de vasta leitura no campo do marxismo e da Teoria histórico-cultural sobre o fenômeno do preconceito

em sua concretude e debatendo, como o título revela, a formação de professores.

O ponto de partida da autora é a noção que o preconceito é uma produção humana, presente em nosso cotidiano, a partir do entendimento de A. Heller. Em determinadas circunstâncias histórico e sociais, adverte a autora, o indivíduo torna-se alienado “quando se dá um abismo entre a produção humano-genérica e a participação consciente dos indivíduos nesta produção” (Heller *apud* Vieira, 2012, p. 18). Desta forma, o ponto de partida e sua linha de argumentação é a alienação humana e suas formas concreta, pois é a alienação que coloca os olhos do preconceito “com os quais se olha, entende, explica e valida uma infinidade de situações vividas pelos indivíduos” (*ibidem*) no que tange ao preconceito.

O capítulo primeiro, intitulado “**Produção social do homem e do preconceito pelo homem**” a autora desenvolve suas teses acerca do preconceito como produção social e humana. Desta forma, ela produz uma reflexão sobre a categoria trabalho/atividade como fundante e central da humanidade. A partir do referencial marxiano e de autores como A. Leontiev e Newton Duarte, a autora demonstra que o gênero humano constitui-se em torno da cultura concreta, construída a partir da objetivação (produção de objetos) pelo

homem, e que é o próprio homem que se humaniza produzindo sua humanidade. Criar a cultura, e estabelecer meios para sua apropriação é também parte da análise da autora, e, como a apropriação acontece em determinadas situações históricas e sociais, a educação também reproduz os preconceitos que são o reflexo da alienação.

No segundo capítulo, cujo título é **“Produção do preconceito no processo de produção da existência”**, a autora busca explicitar a produção do preconceito nas relações sociais objetivas. Desta forma, o preconceito não pode ser tratado como uma categoria abstrata, como se o preconceito presente em nossos dias fosse o mesmo de duzentos anos atrás, ou o mesmo presente em sociedades primitivas. A autora procura então demonstrar que o preconceito é concreto por ser uma construção histórica, uma síntese de muitas determinações. A análise é realizada a partir da sociedade primitiva e das sociedades classistas, e, principalmente, mostrando como o trabalho e como certas categorias de homens foram selecionados para os diferentes tipos de trabalho e produção da riqueza na humanidade gerou a ideia da discriminação àqueles que não se encaixavam no sistema produtivo e também àqueles que se encaixavam na produção, sendo considerados naturalmente dotados para tais tarefas (ainda que degradantes).

O terceiro capítulo, **“Produção da vida e do preconceito sob o capitalismo hegemônico”** a autora foca nos dias atuais sua reflexão. Se o preconceito não pode ser entendido como um conceito autoexplicativo da discriminação humana, devemos então compreendê-lo dentro do contexto do capitalismo dos dias atuais, e de suas configurações no século XXI. Desta forma, a autora irá caracterizar o processo de acumulação flexível, e como

tal processo enseja a produção do preconceito, a partir das formas de organização do capitalismo no século XX, especialmente o fordismo. Questiona ainda sobre como a educação assume papel de (re)produtora de uma série de preconceitos em nossa sociedade. Interessante notarmos que a autora segue a mesma linha do capítulo anterior, não apresentando um grupo específicos de pessoas que sofrem preconceito, mas como o preconceito em gênero, oriundo da produção alienada do capital gera preconceitos em espécies.

O quarto capítulo, **“Preconceito na atualidade: evidências do real”** a autora mostra aqui o preconceito real vivido ao migrante e à mulher. Após o domínio teórico e a leitura da conjuntura social, a autora aplica suas teses, usando revistas semanais e jornais para comprovar a evidência do preconceito como alienação. Finaliza o capítulo com uma reflexão sobre a educação e o papel da escola como formadora de consciências críticas com relação ao preconceito.

Por fim, entendemos que a discussão nesta obra, além de muito bem fundamentada, toca com muita coragem em temas caros à nossa contemporaneidade, seja nas escolas, seja na sociedade em geral. Indicamos esta obra para estudiosos do assunto, mas também para educadores que defrontam com o problema do preconceito sendo produzido, dia a dia, em nossas salas de aula e na juventude.

Recebido em 2014-12-31
Publicado em 2015-02-22



* **RAFAEL EGÍDIO LEAL SILVA** é Professor de Sociologia do IFPR, Campus Umuarama; Mestre em Psicologia (UEM).